

III

Le Dantec, "hábil e ilustre professor", chegou a São Paulo no mesmo ano da criação do nável Laboratório, ou melhor, no dia 15 de dezembro, tomando posse de sua direção, no mesmo mês. ("O Estado de São Paulo", de 15-12-1892).

O professor Le Dantec, autor de várias obras científicas de importância sobre o parasitismo intracelular e protozoários, muitas das quais feitas na Ásia, onde esteve comissionado, montou o Laboratório e iniciou suas atividades.

Estudou diversos casos de febre amarela e preparou meios de cultura indispensáveis aos estudos bacteriológicos.

Le Dantec conseguiu isolar, do vômito preto, um bacilo que se mostrava constante e que após estudá-lo, acreditou ter chegado a algumas conclusões positivas. Dêsse bacilo do bacteriologista francês é que Olinto Dantas escreve, comentando a terapêutica do "tifo amarelo": "ou se trate do micróbio descoberto pelo eminente dr. Domingos Freire" (mais adiante tratamos particularmente do dr. Freire); "ou de um que se diz encontrado pelo insigne bacteriologista Le Dantec, que, me afirma colega competente, levou para a Europa belas preparações, mas até hoje em absoluto silêncio."

De fato, Le Dantec, com licença do Govêrno, se retirou de São Paulo, levando consigo as culturas de bacilos que hipoteticamente julgava ser da febre amarela, pretendendo prosseguir seus estudos em Paris.

Ao abandonar o cargo de diretor do Laboratório de Bacteriologia, foi substituído em 6 de abril de 1893, por Adolfo Lutz, sobre o qual assim se expressou: "é um brasileiro capaz de dirigir o Laboratório", frase esta que muito contribuiu para que Cesário Mota o nomeasse substituto (33).

O biologista francês deixou a direção do Laboratório em 5 de abril de 1893, sendo, como já vimos, substituído por Adolfo Lutz, já nomeado sub-diretor em 18 de março, quando regressou de sua viagem às ilhas do Havaí, para onde fôra a convite do professor Paul G. Unna, de Hamburgo, estudar a lepra no Leprosário de Molucaí. Lutz permaneceu nesse posto, em caráter interino, até 18 de setembro de 1895, quando, então, foi nomeado diretor efetivo.

O Laboratório de Bacteriologia, em 1892, nada ou quase nada produziu, visto ter sido criado em meio do ano e o dr. Le Dantec ter assumido sua direção somente em dezembro. Não houve tempo para grandes coisas.

Já no ano seguinte, os trabalhos tiveram bom ritmo, com algumas dificuldades naturais de princípios de uma instituição, como sejam, organização e instalação. No resumo dos trabalhos efetuados de 1892 a 1908, por Adolfo Lutz, podemos ler que também a mudança de sede foi um sério obstáculo

(33) — Publica "O Estado de São Paulo" em 6-4-1893 "Instituto Bacteriológico. Em substituição ao dr. Le Dantec assumiu o cargo de diretor do Instituto Bacteriológico, o dr. Lutz, vice-diretor."

para o desenvolvimento dos trabalhos já iniciados, devido ao levantamento de poeiras: "por mais cuidado que se tivesse tido, o ar do Laboratório ficou muito contaminado por poeiras ricas em germes". Isso obrigou os pesquisadores a refazerem as culturas contaminadas e por conseguinte, a repetirem as sementeiras.

Outro problema era a falta de animais de laboratório tão necessários e indispensáveis para o prosseguimento das diversas experiências iniciadas.

Enquanto Le Dantec era diretor e mesmo depois de seu afastamento, quando Adolfo Lutz assumiu o posto, era médico auxiliar Artur Vieira de Mendonça, preenchendo desta forma, o quadro estabelecido por lei.

O dr. Vieira de Mendonça, com o afastamento de Le Dantec, automaticamente passou a subdiretor, no lugar de Lutz, que, por sua vez galgou a direção.

Foram ainda nomeados em 1893, no dia 27 de abril, o dr. J. Roxo e, a 1.º de novembro, o dr. Coriolano Barreto Burgos. O dr. Roxo faleceu no ano seguinte, no dia 15 de novembro, com perfuração do intestino, acometido de febre tifóide, sobre o que assim disse o dr. Adolfo Lutz:

"Foi muito sentida a perda deste colaborador assíduo e companheiro apreciado não só pelo pessoal do Laboratório, mas também por todos os empregados da Inspeção de Higiene.

Não podemos atribuir este triste acontecimento a uma infecção do Laboratório, como foi suposto por alguns, mas temos razões para supor que a moléstia foi apanhada na ocasião de visitar algum doente em observação clínica".

O dr. Burgos, na mesma ocasião, em 1894, solicitou sua exoneração. Já nesta época existiam dois cargos de servente.

No ano de 1893, as atividades do Instituto Bacteriológico tiveram relativo vulto. Principalmente a epidemia de cólera, que surgiu na Capital e em alguns outros pontos do Estado, sorveu quase que a total atividade do incipiente Instituto.

A malária, a lepra, a hidrofobia, a febre amarela, a febre tifóide, a peste bubônica, a difteria, a tuberculose e diversas outras moléstias preocuparam a direção do Instituto, além dos exames de água, de escarro, de saliva, de sangue, de fezes, de urina, de suco ganglionar e uma série enorme de outros, solicitados pelo próprio Governo ou mesmo por particulares.

O surto de cólera havia surgido na Hospedaria dos Imigrantes, sendo destacado, em comissão, o dr. J. Roxo, para o serviço de desinfecção, no período de 14 de agosto a 12 de novembro de 1893.

Em 1.º de dezembro Lutz escrevia ao secretário do Interior o seu relatório sobre a cólera, dizendo que, por solicitação de médicos da Imigração, havia procedido ao exame de dejeções líquidas com a suspeita de se tratar da cólera asiática.

Apesar de, no Laboratório, não ter, até aquela data, se preocupado com o problema colérico, Lutz, baseando-se em trabalhos e investigações sobre epidemias mais atuais, surgidas na Europa, conseguiu, em meios de cultura, um desenvolvimento enorme do bacilo vírgula.

Assim, 10 horas mais tarde, após os exames, foi possível a afirmação quase absoluta de que a moléstia suspeita era, de fato, cólera-morbo.

Estribando-se nas descrições de renomados autores, o diagnóstico foi confirmado, já que o bacilo vírgula isolado no Instituto tinha os mesmos caracteres dos descritos nas obras científicas, e idêntico aos de uma cultura de cólera existente no Laboratório. Esta última cultura, oriunda do Instituto Pasteur de Paris, tinha a seguinte inscrição: "Cholera de Calcutta", que, certamente, descendia das culturas originais de Robert Koch, que esteve estudando a cólera na Índia.

Não restava mais dúvida. Além desses exames de laboratório, o dr. Lutz levou a efeito a autópsia, solicitada pelo corpo médico da Imigração, de duas meninas, o que lhe permitiu fazer esta afirmação definitiva: "Em consequência, tanto dos resultados da autópsia como do exame bacteriológico, chegamos à conclusão que a menina faleceu de cólera asiática legítima", referindo-se a um dos dois casos.

Os primeiros casos de cólera asiática observados foram em 11 de agosto. Tratava-se de imigrantes recém-vindos da Europa pelos vapores "Rei Umberto", "Colombo" e "Provence", que saíram de Nápoles a 20 de julho anterior.

O surto, então, espalhou-se pela cidade, com um total de 23 mortos em agosto, 28 em setembro, para diminuir em seguida. Em outubro somente dois óbitos se registraram.

Daquelas vinte e três mortes de agosto, 11 ocorreram na Hospedaria dos Imigrantes e as outras doze no Hospital de Isolamento do Cambuci, dos quais, 9 vieram da Imigração.

O dr. Jaime Serva (34) diz:

"O pânico, que tão desagradável notícia trouxe a nossa população, tem sido dominado pela confiança que a todos tem inspirado as acertadas resoluções tomadas pelos poderes competentes para debelar o mal e tal é a confiança que, podemos dizer, não trouxe isto a menor alteração aos nossos hábitos e aos interesses gerais da sociedade; em nada, por ora, foi perturbada a marcha dos nossos negócios nem sofreu de forma alguma o movimento da cidade, vindo provar isso que nossa população está confiante no alto pessoal ao qual está entregue a nobre missão de providenciar sobre a higiene e salubridade do meio em que vivemos.

De fato, graças às acertadas medidas tomadas pelo Governo e pelas autoridades sanitárias representadas pela Diretoria de Higiene, que incansáveis têm procurado circunscrever o mal por todos os lados ao seu alcance, dando verdadeira batalha a tão ingrato e cruel hóspede, é de supor e tudo faz erer que não tenhamos a lamentar a explosão de uma epidemia dessa ordem entre nós".

Pelas palavras de Jaime Serva, vemos quão amplas foram as medidas tomadas pelo Serviço Sanitário e particularmente pelo Instituto Bacteriológico e foram tão eficazes, que logo foi a epidemia circunscrita e debelada, como notamos pelos 2 óbitos ocorridos em outubro, depois dos 51 registrados nos dois meses anteriores.

— 1 —

ALGUMAS RARIDADES

Do relatório do ano de 1893, destacamos alguns dados interessantes. Diz que o Instituto nada recebia pelos exames que realizava, porque parecia

(34) — Médico do Serviço de Demografia.

imperioso torná-lo merecedor da confiança dos médicos e acostumá-los a se dirigirem ao Instituto "nos casos raros ou diagnóstico difícil".

Foram recebidos para exame alguns tumores e aquêles de maior curiosidade científica, depois de estudados, ficaram acrescentados à coleção do Instituto. Dentre essas anomalias, merece destaque um tumor dermóide, da cavidade abdominal de um pato, com grande quantidade de penas em formação, que corresponde, em relação aos mamíferos, aos tumores repletos de pêlos.

Outra peça curiosa foi remetida pelo dr. Faria Rocha. Tratava-se de uma tênia pequena, de uma criança. Foi identificada : *Taenia flavopunctata*, idêntica a uma tênia do rato, bastante vulgar em São Paulo, com o nome de *T. leptcephala* ou *diminuta*. Não obstante ser comum no rato, ela só havia sido encontrada como hospedeira do homem, quatro vêzes, sendo êste o quinto caso conhecido.

Outra tênia, nada comum, *Hymenolepis nana*, foi localizada nas fezes de uma criança de São Paulo. Êste achado merece destaque pelo fato de ter sido, até aquela data, encontrada sòmente no Egito e na Itália. Belgrado, Buenos Aires, Estados Unidos e São Paulo, foram os quatro únicos lugares que constatarem êsse fato uma única vez.

— 2 —

NOVO SURTO DE CÓLERA

O pessoal do Instituto, durante o ano de 1894, foi aquêles que já mencionamos : os drs. Vieira de Mendonça, Coriolano Barreto Burgos e J. Roxo. Até novembro permaneceram os três médicos, sendo que, por falecimento do dr. Roxo e exoneração do dr. Burgos, o Instituto ficou apenas com o dr. Mendonça. Novos médicos foram nomeados sòmente no ano seguinte, em 1895.

Novamente, em fins do ano de 1894, surgiu outra invasão da cólera asiática, que tomou de assalto boa parte do interior do Estado. Surgiu sob forma epidêmica em São Simão e Cachoeira, e pouco depois, na Capital.

Em São Simão logo desapareceu, prosseguindo, no entanto, a grassar nas margens do Paraíba e na Capital do Estado, durante os dois últimos meses de 1894 e janeiro de 1895.

Êste surto de cólera asiática do vale do Paraíba teve origem em Cachoeira, alastrando-se daí para as cidades vizinhas. Não se sabe bem como apareceu, mas presume-se tenha sido trazido por imigrantes que, por algumas horas, pararam em Cachoeira, deixando à beira da estrada de ferro, dejeções que foram infiltradas na terra ou levadas para o rio Paraíba, pelas chuvas abundantes daquelle dia.

Devido às notícias da doença naquela cidade, o dr. J. J. da Silva Pinto Jr., diretor-geral do Serviço Sanitário, mandou à Cachoeira o dr. Henrique Thompson, que embarcou no dia 20 de novembro, diagnosticando lá, a cólera asiática. No dia seguinte chegou o dr. Lutz, que, realizando exames microscópicos, constatou os bacilos vírgula que vieram confirmar a observação primitiva.

A epidemia se alastrou para Cruzeiro, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Lorena, São José do Barreiro, Queluz, Taubaté e outros pontos do Estado.

Casos de São Carlos do Pinhal, Taubaté, Barueri e Guaratinguetá foram examinados e positivados, com exceção dos das duas últimas cidades, talvez, como diz Adolfo Lutz, pela demora que sofreram guardadas as dejeções.

O surto era gravíssimo.

Na Hospedaria dos Imigrantes, durante a noite de véspera de Natal, começaram a aparecer doentes. Dos 5 mil imigrantes que lá existiam, cerca de dois mil apresentaram vômitos e diarréias. Seria a cólera? Foram feitos exames de dejeções e, felizmente, não foi constatado o bacilo vírgula. A disenteria não era colérica, mas muito semelhante. Os dois mil doentes tinham sido apenas intoxicados pelo bacalhau que haviam comido naquele dia. Morreu um dos enfermos que não resistiu ao envenenamento.

Os dois surtos de cólera-morbo aparecidos em São Paulo, êste de 1894 e o do ano anterior, vieram dar razão às palavras de Marcos Arruda, que, anos antes, haviam sido escritas, profetizando um surto desta moléstia, caso não fôsem tomadas as providências higiênicas que tanto apregoava. (Ver o relatório de 1886 da Inspetoria de Higiene, no início dêste trabalho).

— 3 —

CROUP

Nesse ano de 1894, foram constatados 4 doentes de difteria e mais 3 no início de 1895. Sete casos positivos. Era um dos pequenos surtos da moléstia, que, de quando em vez surgia em São Paulo e que rapidamente se extinguiu.

Foram feitos belos trabalhos de pesquisas, em 1895, versando sobre aquela doença, também conhecida por *croup* e que apesar de em São Paulo aparecer esporadicamente em forma de pequenos surtos que não podiam ser considerados graves, não era o problema merecedor de descuido. "... não deixa de ter sua importância," disse Adolfo Lutz no relatório de 1895, que termina com estas conclusões:

"Sendo as membranas da faringe sempre contaminadas com micróbios da saliva e às vezes muito antiga e alterada, o exame direto torna-se menos conclusivo e convém empregar o processo das culturas. Por êste modo obtivemos nestes últimos 2 anos, 19 resultados positivos, sem contar os casos onde mais tarde foi feita a autópsia. O bacilo da difteria só faltou nas culturas quando as membranas tinham sido expostas ao contato de antissépticos, quando eram limitadas às tonsilas e, finalmente, no caso, já referido, de angina pseudomembranácea no sarampo. É forçoso concluir que os casos de difteria, observados em São Paulo, não diferem, por sua etiologia, dos casos observados em outros lugares e são causados pelo bacilo de Loeffler. Das outras bactérias, acusadas como causadoras de processos diftéricos ou crouposos, podemos reconhecer apenas uma certa importância aos estreptococos que, já por si, podem produzir anginas violentas, mas não podemos aprovar o estabelecimento de uma difteria a estafilococos, a bacilo *coli*, etc., baseados apenas sobre o fato que êstes micróbios foram os únicos a nascer nas culturas de uma ou outra membrana tirada da bôca de um doente.

Convém também, mencionar aqui, que as denominações *croup* e "difteria" não se referem a moléstias diferentes, mas designam o mesmo processo patológico, cuja virulência e intensidade são muito variáveis. Por isso seria melhor abandonar completamente o nome *croup*, que já quase não se usa mais na medicina científica moderna."

Outros trabalhos se realizaram. Foram estudadas as febres tifóide e amarela, a pneumonia, e feitos estudos diversos sobre micróbios, parasitos, bactérias patogênicas, cromogênicas, fosforescentes e saprófitas, além dos plasmódios de Laveran e uma série de outros trabalhos de importância.

Dêsses estudos, entretanto, os que merecem destaque, são os referentes à febre tifóide que se manifestava, no ocaso do século passado, com grande intensidade, sendo, por isso, considerada, entre as moléstias agudas, a de maior importância em São Paulo.

“O número de casos fatais só pode ser apreciado lembrando-se que a metade dos médicos (sobre os atestados dos quais se baseia a estatística da mortalidade) continua a classificar esta moléstia como febre palustre, até nos casos onde houve manifestamente peritonite por perfuração do intestino. Mas, o número de casos que saram depois de prolongada moléstia será, talvez, dez vêzes superior ao dos casos fatais e, comparado com a da população, mostra uma porcentagem que dá muito que pensar”.

Como dissemos antes, neste ano de 1895, foi feita a substituição ao dr. Roxo, sendo nomeado, para seu lugar, o dr. João Teixeira Álvares, em fins de Janeiro. Em princípios de outubro saiu a nomeação do dr. Johannes Paulsen, para a vaga do dr. Burgos. O dr. Teixeira Álvares, antes de ser nomeado assistente nos últimos dias de janeiro, já vinha trabalhando desde o princípio do mês, dentro do Instituto.

— 4 —

O PROBLEMA DA ENCADERNAÇÃO

A coleção anátomo-patológica continuou se enriquecendo de tumores e outros mais objetos patológicos.

A biblioteca igualmente se avolumou, contendo quase tôda a literatura médica moderna, no que diz respeito à bacteriologia e moléstias tropicais. Havia assinatura de jornais e revistas científicas do Brasil e do estrangeiro.

Se a biblioteca era pequena, cabe a maior dose de culpa à verba destinada a êsse fim, bastante reduzida e à despesa de encadernação. Sobre a encadernação, é interessante notar a displicência e demora das oficinas oficiais, como mostra o relatório de 1906 do Instituto, em que o dr. Adolfo Lutz, relembrando o officio n.º 348 de 25 de julho daquele ano, faz notar que o dr. Gustavo de Godói, secretário do Interior, manda que se encaderne os volumes do Instituto Bacteriológico, no “Diário Oficial”, já que era gasto dinheiro para êsse fim, em oficinas particulares.

A determinação do secretário do Interior foi acatada e no dia 28 do mesmo mês foi solicitada, nas oficinas do “Diário Oficial”, a encadernação de exemplares dos periódicos: “Archiv fur Schiffs-und TROPEN-Hygiene”; “Archiv fur Protistenkunde”; “The Journal of Tropical Medicine” e “The Lancet”, que até o dia 8 de janeiro do ano seguinte, isto é, 1907 (data da reclamação do dr. Lutz), não haviam sido devolvidos. Quatro volumes que dentro de um prazo de praticamente um ano, não foram encadernados!

Por esta razão eram enviados às oficinas particulares todos os volumes que reclamavam encadernação, devido serem obras de constantes e necessárias consultas, não podendo de forma alguma “dormirem o sono da eternidade” nas oficinas do Estado, como aconteceu a vários volumes do “Brasil Médico”, enviados em 3 de junho de 1904, para serem encadernados. Os volumes do “Brasil Médico” estavam naquelas oficinas há quase três anos.